



Dança x Mídia: A Arte e o Entretenimento¹

Iêgo José²

Raija Almeida³

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

RESUMO

A arte da Dança sempre caminhou junto com o homem em sua evolução, seus efeitos culturais provenientes de cada lugar no mundo é exclusivamente diverso. Em plena era de globalização intensa e com a difusão rápida de informação pelos meios de comunicação abundantemente sendo consumidos pelas pessoas, mudou-se a forma de lidar com a arte ou mais especificamente a dança. Este trabalho discute os efeitos dessas mídias na formação e propagação da arte dança, visando que nessa “cyber era”, tudo está exposto e o espectador virou produtor de conteúdo também. Abordará também questões entre a dança arte e a dança entretenimento e a necessidade da oportunidade de espaço para a dança como sensibilização se expor para o público de massa, como uma espécie de despertar e estímulo para a sua prática e apreciação.

PALAVRAS-CHAVE

Mídia; Dança; Arte; Cultura

DESENVOLVIMENTO

Com a maior difusão da dança na mídia, concursos entre famosos, caracterizando assim uma sociedade do espetáculo, em busca apenas de audiência massiva, mais pessoas dançam, procuram aulas, fazem da dança uma atividade física, o que é recomendável e saudável, mas o problema está na forma em que a dança é tratada, em sua maioria, apenas só como movimentos e gestos que servem para deixar o

¹ Trabalho apresentado no IJ – XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste UNP - Natal – RN - de 02 a 04 de Julho de 2015

² Bailarino e Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Educomunicação da UFCG, email: ieegosilva@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Educomunicação da UFCG



praticante em boa forma, deixando de lado a dança que serve para despertar em sua subjetividade como arte o indivíduo, esta pertencente apenas a determinados conteúdos que possuem como objetivo o desenvolvimento.

A mídia em sua manifestação faz um papel de mediadora desse processo, a dança em sua forma de entretenimento resulta numa imagem e função totalmente equivocada.

O cinema foi um dos primeiros percursos da dança em produções midiáticas artísticas, revelou e mostrou vários profissionais nos chamados filmes musicais, em sua maioria, os espectadores se deslumbravam perante grandes performances coreográficas, onde dançarinos cantavam e atuavam, mas não faziam ideia de todo contexto envolvido para que aqueles amantes da arte, chegassem até aquela posição de qualidade artística e técnica, além de profissionalismo.

Assim, a cultura cinematográfica norte-americana difunde em todo mundo seus padrões e danças acrobáticas, que simbolizam apenas o entretenimento de massa. Adorno (1985) explica esse quadro na indústria cultural:

O pretense conteúdo não passa de uma fachada desbotada; o que fica gravado é a sequência automatizada de operações padronizadas. Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda diversão. O prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto para continuar a ser prazer, não deve mais exigir esforço e por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais. O espectador não deve ter necessidades de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.128).

O modismo propagado nas mídias esclarece uma relação inseparável da dança e música durante todo um roteiro histórico, contendo danças erotizadas e induzidas pela mídia convencional e até pelas redes sociais no cotidiano do telespectador, e percebe-se principalmente no Brasil um domínio dessa arte vulgarizada, sendo moda e provocando as pessoas a interagir e imitar passos que na realidade não significam nada e só embaçam a subjetividade crítica de quem dança.



No Brasil, a cultura midiática está cheia de modismo. Estilos musicais como o *funk* carioca e o forró ‘plastificado’ (não se referindo à dança de salão), trazem à tona movimentações descontextualizadas que seguem letras, na maioria, com conotações sexuais, o que incita, é claro, a população a copiar, para se sentir integrado num ambiente.

A era da internet também ajuda na infestação de descontextualização da dança, vídeos virais e videoclipes no *Youtube* e redes sociais como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, propagam uma manifestação popular da necessidade de atenção, e a dança é um dos meios usados. Os videoclipes causam também o desejo de dançar como os cantores e dançarinos no vídeo, há o desejo de executar os passos sem total conhecimento do contexto ali exposto, quase sempre levando crianças, adolescentes e até adultos a agirem e a lidar com a arte do movimento de maneira vulgarizada. Dessa maneira movimentos estereotipados surgem. Martins Carneiro (2004) explica que,

[...] principalmente as aceitas em festas, boates, danceterias, são marcadas pela pseudo-individualização, por projetar nos sujeitos dançantes algo que lhes confere certo grau de liberdade quanto ao movimento, o de dançar por conta própria. Entretanto, esse grau de liberdade é prescrito pela estandardização, no sentido de que os movimentos já se tornaram normatizados ou padronizados, a ponto de serem identificados em todos os dançantes, mesmo que dancem separados um do outro e não queiram dançar juntos. É restrita a possibilidade de sair da estereotípia de movimento, sendo severamente delimitada qualquer espécie movimento espontâneo, não prescrito pelo ritmo da música, pelo ambiente ou mesmo pelos sujeitos envolvidos. O sujeito dançante se submete à estandardização para sentir, em primeiro lugar, que está pisando em solo firme que não está dando vexame (CARNEIRO, 2004, p.12).

É sabido que a televisão e a internet influenciam na formação da identidade e nas escolhas que fazemos ao longo da vida. Esta é a razão para que danças fora do contexto de arte sejam tão aceitas com o tempo, a repetição e a sobrecarga daquela dança como produto comercial resultante de um *hit* musical, acaba chegando ao consumista e espectador daquele canal de TV ou do vídeo no *Youtube*. A dança entretenimento é mostrada e inserida no contexto cultural e social quase despercebida, sendo retratada na TV por questões de mercado.



Grande parte de produtos midiáticos reduzem todas as particularidades da dança, os sentimentos, expressões, a vontade artística, tudo isso é deixado para trás, transformando a dança em uma manifestação superficial, e a arte assim sendo deixada de ser mostrada. Contendo muito pouco espaço, a dança quase não é abordada na grande mídia, e o que se mostra sem nenhum cuidado, são conteúdos em televisão comercial, e a maior parte do público deste tipo de TV, se enquadra na classe socioeconômica baixa, sobretudo, por outro lado, não indica que a classe alta tenha acesso a conteúdos de qualidade, pois quase não há programas em que a dança é protagonista, exceto há algum tempo onde, desenhos e programas infantis, começaram a usar desta arte como modo de despertar, mas, mesmo assim, não atingem grande parte do público, principalmente os de classe baixa, porque estes quase sempre não possuem acesso a uma TV paga.

O alto número de conteúdos eróticos expostos hoje, nos faz questionar sobre a necessidade do ser humano explorar e expor a sexualidade. É preocupante que essas vulgaridades e a descontextualização, mexam com a subjetividade dessas crianças e adolescentes. Os meios de comunicação causam um impasse no trato da sexualidade nesses jovens, que repassam e reproduzem com entusiasmo a dança da moda, como uma espécie de exibicionismo, o desejo de mostrar que dança sem dançar de verdade, o que ocorre também uma estimulação precoce da sexualidade em jovens e crianças. Saraiva Kunz mencionando Fritsch nos diz:

[...] o que era, por um lado, um comporta-se paticamente - se deixar levar pela música – é agora, carregado e impregnado pela atmosfera de show; a pessoa sobe-se sendo observada, precisa representar-se, investiu muito em estar “conforme”, também na dança; e tudo isso vale mesmo é para se apresentar. Nas discotecas – qualquer um pode observar isso hoje – a dança é um simulacro, é fictícia e objeto de ostentação ou de inibição. A pessoa nem dança mais, faz tudo para parecer que dança. E a dança mesmo é substituída por uma espécie de mímica do dançar (FRITSCH *apud* SARAIVA, Kunz, 2003, p.203).

Além da superficialidade e erotização, é essencial destacar a falta de produtos com conteúdos artísticos, a falta da arte da dança dá lugar a produtos supérfluos que incitam estilos de dança; apesar da dança como arte aparecer em emissoras de TV



destinadas a produções culturais, educativas e artísticas, como a TV Cultura e a TV Brasil, estes não possuem a visualização que merecem.

As diferenças de classe causam na população condições desequilibradas de direitos. A cultura popular advinda da classe baixa, está mais sujeita a ser expostas pelos meios de comunicação de massa, já que a televisão e a internet estão cada vez mais acessíveis a esta classe. Diferente desta realidade, a classe alta tem as possibilidades de acesso, e de frequência – além da televisão e internet – a museus, teatro, espetáculos de dança, o que permite conhecer outras realidades de formas e conteúdos desses produtos artísticos.

Segundo Isabel A. Marques (2012, p. 40-41), “a linguagem da dança é uma área privilegiada para que possamos trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade cultural em nossa sociedade”, o que nos leva a questionar se só recentemente a comunicação de massa está comprometida com esse tipo de exposição. A autora ainda escreve que “em primeiro lugar, o corpo em si já é expressão da pluralidade, tanto os diferentes biótipos encontrados hoje no Brasil quanto a maneira com que esses corpos se movimentam, tornam evidentes aspectos sociopolítico-culturais nos processos de criação em dança”.

Essa pluralidade brasileira caracteriza ainda o corpo brasileiro, cheio de diversidades e possibilidades. Há equívocos ocasionados na grande mídia, em sua maneira de expor o corpo, mostrando padrões de beleza homogenizados, perante um público que é heterogêneo. Isso reflete também frequentemente a conceitos corporais, levando a acreditar que só um tipo de padrão de corpo, pode fazer determinada dança. Marques (2012) se manifesta:

Isto se dá, entre outros, devido aos diversos estilos e gêneros de dança em nossa sociedade e que estão historicamente atrelados aos corpos que os interpretam ou deveriam interpretar. O exemplo mais típico é o da bailarina, por muitos séculos exclusividade dos brancos, jovens, de pernas longas, altas e de quadris finos. Podemos, no entanto, também pensar nos corpos ditos “ideais” para jogar capoeira, ou ser uma passista de escola de samba (MARQUES, Isabel A., 2012, p. 41-42).

Isso afeta uma população que tenta se adequar aquele padrão, ou acaba desestimulada porque acredita que não pode praticar a dança, não pode experimentar a arte, pois não possuem o corpo apresentado na tela de computador ou televisão. Assim a



dança se mostrada artisticamente, “pode estabelecer uma possibilidade de compreendermos, desvelarmos, problematizarmos e transformarmos as relações que se estabelecem em nossa sociedade entre etnias, gêneros, idades, classes sociais e religiões”, afirma Marques (2012, p.41).

O PCN – ARTE (1997, p. 49) explica que a dança faz parte de culturas humanas, se integrando no trabalho, religiões e às atividades de lazer, sendo um bem cultural e atividade inerente à natureza humana, afirmando que a dança é um fator indispensável na educação de um sujeito. Os Parâmetros Curriculares Nacionais ainda admitem que:

A dança, assim como é proposta pela área de Arte, tem como propósito o desenvolvimento integrado do aluno. A experiência motora permite observar e analisar as ações humanas propiciando o desenvolvimento expressivo que é o fundamento da criação estética. Os aspectos artísticos da dança, como são aqui propostos, são do domínio da arte (PCN – ARTE, 1997, p.50).

Uma das soluções, seria a aplicação da dança no ambiente educativo escolar, em que Yara Rosas R. Peregrino (2001) esclarece que “os nossos jovens passam cada vez mais tempo diante da televisão..., que os bombardeia com informações e imagens, lançando modismos e principalmente atuando como fonte formadora de valores e atitudes”. Essa alternativa poderia causar, nos jovens e crianças que conhecem a dança pela escola, um tipo de visão crítica para o que assistem.

É necessário que essa visão seja aplicada também em produtos midiáticos e em seus modos de uso na educação, pois estes estão sendo cada vez mais agentes moldadores culturais, e que conteúdos saudáveis e de qualidade sobre a dança sejam investigados e exigidos na programação midiática, provocando uma reestruturação da dança arte, em questões imagéticas e conceituais no espectador, em jovens e principalmente crianças.



REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. 2. Ed. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1985.

CARNEIRO, Natália Martins. **Dança: formas de realização social e a indústria cultural**. In: Anais do colóquio Internacional “Teoria crítica e Educação” 13 a 17 de setembro de 2004. Piracicaba – São Paulo.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997b, V6: Arte

PEREGRINO, Yara Rosas. **Dançando na escola: a conquista de espaço para a arte do movimento**. In: PENNA, Maura et al. *É este o ensino de arte que queremos?: Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais*. João Pessoa: Universitária, 2001.

SARAIVA, Maria do Carmo Kunz. **Dança e gênero na escola: formas de ser e viver mediados pela educação estética**. Tese de Doutorado defendida na Universidade técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana – Portugal, 2003.